# Da evolução historica do vocabulario geographico no Brasil

PELO

**Dr. THEODORO SAMPAIO.**

Outro ponto para o qual desejo chamar a attenção dos que a esses estudos linguisticos e historicos se dedicam, é sobre a diversidade de interpretações que um mesmo vocabulo indigena admitte por effeito da corrupção dos varios elementos que entram na sua composição, diversidade que traz duvidas ao espirito, dá logar a razoaveis contestações e, não raro, faz descrer dos processos scientificos em que a interpretação se funda para bem traduzir.

Certo, nem todas as interpretações se apoiam rigorosamente em processos logicos, em principios scientificos que lhes assegurem valor incontestavel, mas não é isso razão para dizer-se com Havelacque que a etymologia em si não passa de uma adivinhação, ou como descrentemente escreve Antonio Bezerra, na «Revista da Academia Cearense» (1), que o etymologista decompõe a palavra a seu

(1) Antonio Bezerra, «Revista da Academia Cearense», tom. VI -1901—Lingua Indigena—O nome Ceará, pag. 115.

geito, inventa radicaes e os colloca como bem lhe parece sem se importar se esse arranjo era o seguido na lingua indigena.

Não se deve, comtudo, levar tão longe o descredito em taes estudos, os quaes, como todas as investigações que visam esclarecer, são subordinados a processos logicos, a regras fixas, a preceitos seguros que podem conduzir á verdade e levar á convicção.

As linguas na sua evolução obedecem a leis physiologicas positivas, a processos invariaveis que não é jicito desconhecer.

O erro ou impericia no interpretar um vocabulo duvidoso não póde ter tão largo alcance, que torne a etymologia uma sciencia sem valor.

A diversidade de interpretações a que um mesmo vocabulo dá logar é facto, aliás, tão commum que a synonimia apparece na linguagem como um recurso precioso no precisar o verdadeiro sentido de um termo. Se esse recurso se faz indispensavel nas proprias linguas vivas, cultas, onde a corrupção não alterou tão profundamente os vocabulos, que ha ahi de estranhar que o mesmo facto se dê numa lingua barbara, cujos vocabulos se alteraram de longa data e os elementos componentes delles se contrairam, se confundiram, se alteraram em tão larga escala?

As diversas interpretações de um mesmo vocabulo quando as hypotheses explicativas acham cabimento nos elementos morphicos desse vocabulo e na idéa que elle traduz, não podem, não devem ser motivo de descredito para os estudos etymologicos; ellas exprimem, ao contrario, uma riqueza, uma feição peculiar da linguagem, explicaveis de um lado pela confusão oriunda da homographia das palavras, eguaes na forma e distinctas na idéa, explicaveis pelas modalidades do falar, pelos dialectos, explicaveis ainda pela falta de documentação perfeita, importando na restauração historica do vocabulo a interpretar e a traduzir.

Os varios significados que a interpretação attribue a uma mesma palavra, dado que se não sacrifiquem os

preceitos que regem a especie não são, pois, como opina José Verissimo, resultantes de se não ter entrado ainda definitivamente numa phase scientifica, mas da propria natureza do facto estudado. E' phenomeno peculiar á linguagem; ha de existir sempre em quanto existir uma lingua e esta evoluir, obedecendo a lei natural das coisas.

O abalisado critico do *Correio da Manhã* aponta o nome *Itatiaia* como um exemplo da balburdia e confusão que continúa a reinar na etymologia brasileira e quão longe está ella ainda dos verdadeiros processos linguisticos. Mas se a escolha do exemplo foi feliz quanto ao numero de interpretações que o vocabulo admitte, não o é comtudo como prova de imperfeição dos estudos etymologicos, porque, de facto, o nome *Itatiaia* é dos que, pelos seus elementos constitutivos, maior numero de traducções comporta e todas com base logica na especie.

*Itatiaia*, com todos os seus elementos integraes e bem distinctos – *itá-ti-aia*, quer dizer, literalmente—*pedra-liquido-saudavel*, e correctamente se verte,—guardada a estructura da palavra tupi—*liquido saudavel da pedra* (e saxo agua saluber) traducção de von Martius. Está claro que a palavra assim interpretada não se applica senão a um manancial, a um rio ou regato que por ventura verta daquellas regiões altissimas. E se poderá acaso contestar a traducção pelo simples facto do nome se applicar hoje a um pico rochoso e não a um rio? Certamente que não, porque a traducção encontra nos elementos morphicos da palavra um fundamento real, e se hoje o objecto representado é um pico e não um manancial, quem nos diz que o nome—*Pedra do Itatiaia* ou *Pico do Itatiaia*, como hoje se diz, não é uma transferencia ou não é resultado de uma deslocação tão commum entre nós do nome de um rio ou manancial para um monte que lhe fica nas cabeceiras? A hypothese tem todo o cabimento, já no terreno linguistico já na idéa significada.

A palavra *Itatiaia* pode, porém, ter experimentado com os annos uma alteração nos seus elementos compo-

nentes, a palavra actual pode muito razoavelmente ser o resultado de uma corrupção. A phrase tupi—*itá-tiãi* ou *itá-ti-ãi* que, verbum ad verbum, se traduz—*pedra ponte erguida*, e mais correctamente *pedra dentada* ou *eriçada de pontas*, pois que *itá* é pedra, penedo, rocha, *ti ãi*, ponta que levanta, que se ergue, e tambem—dente, entalhe, gancho, pode, por mui pequena alteração do ultimo termo, dar a palavra *Itatiaia*. Ora, esta interpretação ou traducção acha nos elementos componentes do vocabulo uma base perfeitamente logica, a idéa significada tem toda a propriedade, porque o monte elevado a que o o nome se applica é, na verdade, um rochedo inaccessivel, cheio de entalhes, de pontas ou dentes; logo, a palavra *Itatiaia* admitte mais uma traducção com todos os fundamentos logicos. Baptista Caetano, com os mesmos fundamentos, traduzin *Itatiaya*—*crista de pedra erguida*; Couto de Magalhães—*rocha de aguas correntes saudaveis* —e Barbosa Rodrigues—*pedra que se multiplica por si*. Todas estas versões encontram, na philologia e na idéa expressa, fundamentos reaes, representam hypotheses cabiveis, estão de accôrdo com os preceitos que regem a evolução dos vocabulos; por que, pois, não admittil-as, por que não acceital-as no Vocabulario Geographico, tal como o fizemos, sem incorrer na pecha de indecisos ou confusos, e sem que isso importe, como opina José Verissimo, em balburdia e confusão para a etymologia brasileira?

Assim, a palavra *Marapé*, que se encontra desde os primitivos tempos em S. Vicente, na Bahia e em outros pontos da costa do Brasil, póde derivar-se, por corrupção, de *Mbará-apé* que se traduz—*o caminho do mar* ou que *leva ao mar*; póde proceder de—*Marã-apé*, que quer dizer—*caminho de guerra*; póde ainda vir de *Mair-apé* —*caminho dos francezes*; traducções estas inteiramente cabiveis, todas com bases seguras na philologia: por que, pois, recusal-as, por que concluir da diversidade dellas que a etymologia brasileira não entrou positivamente na sua phase scientifica?

A sciencia é que manda reconhecer os factos linguisticos como elles são realmente; e é um *facto* a identificação num só vocabulo de muitos outros vocabulos com radicaes differentes, por effeito da corrupção dos elementos componentes respectivos.

Certamente que não faltam por ahi interpretações desarrazoadas, verdadeiros disparates em materia de philologia, sem bases logicas, perturbando o progresso scientifico desses estudos. A bôa razão, porém, o criterio que preside a taes investigações distingue mui facilmente aquillo que está feito com logica e verdade, e póde ser incorporado ao cabedal scientifico, daquillo que taes condições não realisa e que, portanto, tem de ficar á margem, aguardando solução definitiva.

As observações do Snr. Antonio Bezerra, no seu estudo erudito sobre a *Lingua Indigena*, a proposito do nome *Ceará*, a que antes nos referimos, são justissimas quando se referem ás interpretações falseadas em relação á origem verdadeira dos vocabulos, e á falta de conhecimento de certos interpretadores ou indianistas; não assim, porém, quanto á phonetica differente de outros povos ao contacto dos quaes os vocabulos de uma lingua se alteraram. «Os hollandezes, os inglezes e até os francezes, diz Antonio Bezerra, nunca puderam graphar de modo semelhante, em seus livros, as palavras dos indigenas,. . .» e dahi, concluindo pelos exemplos apresentados, que os estudos etymologicos com isso se invalidam. Não está ahi, porém, a causa principal do insuccesso de certos interpretadores.

O tupi, como lingua graphica, a despeito de serem extrangeiros os que primeiro o escreveram e o reduziram á grammatica, não deixa de ter, como as outras linguas, um typo physionomico bem definido e fixo a que se reduzem os dialectos e todas as modalidades mais ou menos erroneas, á uma forma unica verdadeira.

O facto de hollandezes, inglezes, francezes, hespanhoes e portuguezes grapharem differentemente um mesmo vocabulo da lingua selvagem não importa uma impossi-

bilidade de identificação ou de reducção de todas as formas graphicas, mais ou menos erroneas, á uma forma unica verdadeira.

Apezar das grandissimas difficuldades que Vieira assignala no graphar uma palavra tupi, ao colhel-a dos labios do gentio, não se póde deixar de reconhecer que o tupi ou guarany puro tem os seus monumentos literarios sufficientes para bem fixar-lhe um typo unico, verdadeiro.

O conhecimento do tupy basta ao leitor perspicaz para resolver sem difficuldades as questões que se possam originar da varia graphia de procedencia extrangeira. Haja vista os mesmos exemplos pelo Snr. Antonio Bezerra, os quaes, submettidos á analyse critica, facilmente se identificam com os vocabulos de que não são senão um arremedo.

As graphias—*Iwipanin*, *Iwipanema* dos hollandezes se reduzem sem grande esforço a *Iwipanema* ou *Ibipanema*, segundo o modo de graphar dos portuguezes, e a *Yby-panema* do verdadeiro tupy. As graphias *Ipanema* e *Upanema* já dependem de outro radical e não se devem confundir com as primeiras, pois são corruptelas de *Y-panema*. Aquellas são modalidades de pronuncia ção de uma palavra indigena significando—*terra ruim* ou *imprestavel*, estas ultimas são-no de outra que se traduz —*rio ruim* ou *imprestavel*, e tambem *agua má*.

As differenças maiores, que em taes graphias de procedencia extrangeira se notam, procedem, ás mais das vezes, da falta do accento tonico e da mutilação dos vocabulos que assim entram na phrase sem a precisa individuação.

Lery escreveu *quonian*, Staden, que era allemão, *konyan*, graphias que aliás reproduzem, com sufficiente precisão, a voz *cunhan*, como os portuguezes a escreviam, e era a palavra com que o gentio designava a mulher.

O nome *boure*, como Lery escreveu a palavra *buré*, só differe da graphia portugueza porque não traz o ac-

cento tonico na ultima syllaba, por um erro de copia muito provavelmente.

O *boucan* de Lery, que Staden escreveu *mokaen* e que nós pronunciamos *moquem*, não é erro que a critica não possa corrigir, reduzindo á forma typo—*mbocaê*, cuja consoante inicial sendo mixta (mb) desdobrou-se produzindo as corruptellas assignaladas.

A difficuldade de bem precisar os termos componentes de uma phrase fazia com que Staden escrevesse truncando os vocabulos das suas citações tupis, e dando-nos, por exemplo, *Yauare-sche!* por *Yaguara-ichê!* expressão emphatica de um canibal que batia no peito com orgulho comparando-se a uma onça. Lery escrevia *Yaou-are* por *Yauara* ou *Yaguara*. O padre Claudio d'Abbeville escreveu *Ouyrapine*, o mesmo que *Uyrapina* do modo portuguez de escrever e que o Dr. Cesar Augusto Marques identificou com *Ibiraypi*, traduzindo—*Pau-secco*.

Antonio Bezerra, que tão erudito se nos revela no seu já citado estudo, conclue de tudo isso que nada ha mais arbitrario. Entretanto, nada ha, de facto, mais justificavel ou mais explicavel do ponto de vista linguistico do que taes factos aos olhos do critico que bem conhecer o tupi.

O mesmo abalisado critico da «Revista da Academia Cearense», no intuito de tornar bem frisante o que elle classificou de arbitrario, aponta-nos nada menos de sete differentes maneiras de graphar o nome *Ibiapaba* entre os viajantes e historiadores:—*Ibigapaba*, em 1606, pelo padre Fernão Guerreiro; *Buapaua*, por Gaspar de Souza em 1614; *Buapava*, por Diogo de Campos Moreno, na *Jornada do Maranhão*, de 1614; *Ibuigapap*, pelo padre Claudio d'Abbeville; *Goapava*, por Simão Estacio da Silveira, e *Ibyapaba*, pelo padre José de Moraes, da Companhia de Jesus, e a fórma hoje commum *Ibiapaba*, concluindo de tanta diversidade de escrever um mesmo nome que a interpretações ou traducções de certas denominações tupis não são dignas de credito pelo modo por que taes denominações andam falseadas.

Certo que é isso uma das difficuldades do problema linguistico, mas não das mais sérias, porque o trabalho critico tem como eliminal-as. O exemplo apontado nos revela apenas que a corrupção dos vocabulos tupis começou muito cedo entre os portuguezes, mas tambem é uma assignalada prova de como essa corrupção se realisou por um processo natural, logico, que a sciencia perfeitamente explica. O nome Ibiapava evoluiu mui regularmente.

Cabiveis como são, na verdade, as observações do Snr. Antonio Bezerra com respeito ás lettras *i* e *j*, *u* e *v* que se equivaliam no alphabeto portuguez até o fim do seculo XVIII, não se applicam ellas, todavia, no sentido em que o auctor as considerou. Não foi o nome *Buapara*, como o escreveu Diogo de Campos Moreno, em 1614, que se transformou em *Ibiapaba*, por defeito de pronuncia dos colonos desembarcados do norte de Portugal, que costumavam trocar o *r* por *b*. O nome selvagem evoluiu de modo inverso. O primitivo nome tupi *Yby-ā-pab*, que se traduz—*terra erguida, aplainada*, ou *planalto, chapada*, foi que deu origem a tão variada graphia, em vista das successivas corruptelas soffridas pelos elementos componentes do vocabulo. O radical *yby* cedo se alterou em *ubá* pela defeituosa pronuncia do *y* que no tupi tem o valor do *u* francez, e passou-se a pronunciar o nome da serra *Ubuapaba*, que assim ficou sendo a primeira forma corrupta do vocabulo, o qual, perdendo ainda a vogal inicial *U*, apresentou-se depois com a segunda forma *buapaba*, logo alterada em *buapara, boapara, goapava* segundo os varios escriptores.

Assim tambem o nome *Praya*, ao contrario do que suppõe Antonio Bezerra, não é a forma primitiva do vocabulo tupi de que se derivou o nome *Parahyba*, hoje usado. A evolução linguistica deu-se justamente ao contrario: pois que *Pará-ayba* é que é a forma primeira, donde procede, pela queda das vogaes breves, o corrupto *praya*.

Na faina dos exemplos para o fim de mostrar o

pouco fundamento das interpretações de nomes indigenas, Antonio Bezerra cita-nos o nome *porangaba* como hoje é conhecida uma pittoresca pavoação das vizinhanças da capital cearense e contesta que esse nome possa traduzir-se por *belleza*, como opinaram von Martius e Gonçalves Dias, pela razão de que tal nome, em todos os documentos, até 1739, sempre se escreveu *parangaua*. Não tem razão, porém, o erudito cultor da nossa historia patria. Os dois vocabulos são inteiramente differentes nos seus elementos componentes. A corruptella teria talvez confundido os radicaes dos dois vocabulos, e substituido um nome por outro. A traducção, porém, que se dá a *porangaba*, isto é, *belleza, formosura*, é verdadeira. *Parangaba* ou *Parangana* significa coisa bem diversa. *Parangana* é o tupi *pará-angava*, que se traduz *figura* ou *imagem de mar*, alguma coisa *semelhante ao mar*. nome applicado, sem duvida, á lagôa que na paragem citada ainda hoje existe.

O nome *marõgoape* mereceu do abalisado critico os mesmos reparos. Entretanto, *maragoape* como vem escripto na sesmaria de Thomé Dias, principal da Aldêa de Parangaua, em 1707, ou *Maragoá*, como se lê na planta do forte de Schoonenborch de 1649, é na verdade o mesmo nome *Maranguape* de hoje. Toda a duvida desapparece logo que se observe que a palavra *Marangoape* representa a agglutinação de tres elementos bem distinctos: *Marã-goá-pe;* que a ultima syllaba do radical *marã* é nazal, escrevendo-se mais correctamente *maran* que quer dizer - *guerra, luta, batalha, confusão;* que a terminação *pe* é uma simples regencia que nós denominamos *preposição*, porque no portuguez se colloca sempre antes do nome regido, mas que no tupi devemos chamar *posposição* porque, ao contrario, sempre se colloca após o dito nome, *posposição* que pode desapparecer da palavra a que se agglutinou sem a alterar substancialmente. *Marãgoá* (Marã-goá) se traduz -*valle da batalha* ou *baixa da peleja*, e *maraguape (marã-goá-pe)* significa *no valle*

*ou baixa da batalha.* A graphia actual —*maranguape*— exprime com mais exacção a palavra tupi.

Quanto ao nome *Banabuihú*, do affluente da esquerda do Jaguaribe, que o Snr. Antonio Bezerra nos refere escripto *Boneboiú* em documento de 1685 e *Bernaboú* em outro documento de 1687. certamente que muito se alterou da sua primitiva feição se é que o devemos tomar como palavra tupi, hypothese aliás admissivel, visto ser este rio a antiga divisa entre *Potiguaras* do littoral que eram tupis e os Tapuyas do sertão, como nol-o refere Gabriel Soares que o denominou *Rio Grande* no seu *Roteiro do Brasil*. *Boneboiú* ou *Banabuihú* sendo tupi corrupto, póde derivar-se de *Paná-puyú*, que se traduz—*pantanal das borboletas*, tendo-se-lhe abrandado os *pp* em *bb*, como nos dialectos tupis era frequente.

Tambem o nome *Caracú*, contesta-o o Snr. Bezerra que seja o mesmo que *Acarahú* porque já em 1683 se dizia *Caracú* em documento publico. Não tem fundamento solido essa contestação, porquanto as corruptellas de longa data são numerosissimas. Ellas appareceram desde que a lingua existiu, e mais frequentes se tornaram ainda desde que elementos estranhos a penetraram. O radical *acará* do primitivo vocabulo *Acarahy* (Acará-y) depressa se alterou em *Cará* pela quéda da vogal inicial do mesmo modo que hoje se diz *cajú*, por *acayú*, *cajá* por *acayá*. A terminação *y* é uma vogal guttural que jamais se conseguiu reproduzir graphicamente e cuja pronuncia se revestiu de formas diversissimas, dizendo uns—*hy* fortemente aspirado, e outros *hu*, tão gutturalmente emittido que veiu a dar a terminação actual *Caracú*. *Caracú* é, pois, o mesmo que *Acarahú* e mais remotamente *Acara-y* que quer dizer—*rio dos acarás*.

*Araré* estranha o Snr. Bezerra que se tivesse alterado em *Areré*, quando aliás tão commum é a mutação do *a* breve em *e*. *Araré* é o nome de uma serra no Ceará que coube em data a Manoel Lourenço de Mattos, em 1685, segundo nol-o refere o mesmo Snr. Bezerra, e esse nome no tupi se decompõe em *A-reré*, que se traduz—

*elevação solapada, altura minada* ou, mais livremente—*alto das furnas.* Não terá a serra hoje denominada do *Areré* esse caracter?

Explicavel tambem me parece a corrupção de *Araibú* em *Areribú*, como hojo se diz. *Araibú*, visto ser breve na composição o segundo *a* mudou-se em *Areibú*, que, por evitar um ditongo, recebeu um *r* no meio do vocabulo. O certo é, porém, que *Araibú* é o mesmo que *Araribú*, e deste é que procede o contestado *Areribú*. De facto, *Ara-ibù* ou *Ara-r-ibu* equivalentes a *Ara-ipú*, se traduzem do mesmo modo—*olho de agua dos papagaios.*

O nome *Aguanambi* de que nos fala o illustre Snr. Bezerra como sendo uma das corruptellas de desnortear os mais perspicazes interpretadores, se não nos chega profundamente alterado, vem do tupi *Aguá-nambi* e se traduz—*orelha de cão.* O termo *Aguá* é contracção de *Aguára*, tão commum no tupi quando o termo entra em composição, e serve para designar o *cão silvestre, cachorro do matto. (Canis vetutus.* Lund.)

O documento antigo, de 1718, que traz o nome *Yaguarnambi* identificado pelo Snr. Bezerra com *Aguanambi*, pode trazer luz differente sobre a possivel evolução do vocabulo ao corromper-se, mas não invalida a primeira interpretação.

*Yaguarnambi* é o mesmo que *Yaguara-nambi* e se traduz—*orelha de onça.*

*Quixoçô* não é tupi como não o são—*Quixará, Quixadá, Quixeramobim* e outros do interior do Ceará, onde outr'ora dominaram povos de raça differente dos Tupis. A graphia *Quixoaçù*, como em alguns velhos documentos se vê, ainda que simule uma estructura tupi, não basta para mudar a nacionalidade do vocabulo.

*Yericoacoára*, nome da notavel ponta avançada da costa do Ceará, tambem citado como um exemplo do que podem as corruptellas na modificação dos vocabulos, é simples alteração do tupi *Yurucoaquara (Yurucoáquára)* que bem se traduziu sempre—*Buraco das tartaruyas*, pois que *Yurucoí* é como se dominavam entre o gentio esses

animaes, os quaes, como é sabido, têm a faculdade de *afundarem* ou *esconderem o pescoço [juru-coí]*. Com o uso, *jurucoá* se foi alterando, e passou-se a dizer ora *jericoá*, ora *jererecoá* ou *jererecoá*. Dahi as diversas graphias de que tracta o Snr. Bezerra para demonstrar quanta incerteza taes estudos apresentam.

Todo o empenho do illustrado critico da *Revista da Academia Cearense* em demonstrar com taes exemplos que as interpretações dos nomes indigenas de localidades brasileiras, ás mais vezes, não merecem acceitação por julgal-as falseadas relativamente á verdadeira origem dos vocabulos que se alteraram ao contacto de povos que possuiam phonetica differente, foi justificar a não aceitação da traducção do nome *Ceará* por mim dada e publicada no *Estado de S. Paulo* de 30 de Maio de 1901 e sustentar a que elle mesmo dera, annos antes, no seu trabalho *O Ceará e os cearenses*, não aquella a que se lhe attribuiu, derivando *Ceará* da *Sahara*, nome do grande deserto com o qual os primeiros exploradores teriam achado assemelharem-se as terras do Ceará, que não passou de simples hypothese, mas esta outra que faz derivar o nome de sua terra natal de *Coó-ará*, alterado em *Cuuará* e por ultimo em *Ceará*.

A interpretação do Snr. Antonio Bezerra visa confirmar o que os historiadores e viajantes sempre nos disseram da extraordinaria abundancia, ou, para usar das mesmas palavras, da *infinita caça* que na região se encontrava. Por isso e phrase tupi *çoó-ará* de que, segundo o illustre critico, teria procedido o nome *Ceará*, ficou traduzida ou com o significado de —*passaros em quantidade de caça* ou *para a caça*, sem todavia firmar-se bem numa dessas versões, porque o auctor conclue pela adversativa de uma *outra variação que a isso corresponda*.

Em todo o caso, a traducção do Snr. Bezerra não consulta a indole da lingua a que pertence o nome *Ceará*, porque para o illustre critico essa palavra é tupi. Se o nome *Ceará* é corrupção de *çoó-ará*, como opina o Snr. Bezerra, e se *çoó* significa *caça* e *ará* papagaio, são dois

substantivos a entrarem na composição do vocabulo. Ora, no tupi, guardada a estructura da palavra composta, o primeiro termo della representa o *possuidor* e o segundo o *objecto possuido*, ou, ainda, o primeiro termo indica *a materia de que uma coisa é feita* e o segundo representa a propria coisa. Assim, portanto, *çoó-ará* se deverá traduzir—*papagaio da caça*, uma vez que aqui se não tracta da constituição propriamente material da coisa, a não ser que se admitta por traducção de *çoó* aquella que mais geralmente se lhe dá, isto é, *carne*; mas, neste caso, teriamos para versão portugueza de *çoó-ará*—papagaios de carne—que me parece tão inadmissivel como a precedente.

A versão que dei ao nome *Ceará*, baseado na graphia *Ciará* ou *Siará*, como em velhos documentos se encontra, e nol-o deixou bem patente o erudito Snr. Bezerra, é que esse nome designava apenas uma casta de papagaios, os mesmos que no sul e centro do continente se denominam *cii*.

O Snr. Bezerra demonstra com larga copia de citações que a graphia *Ciará* ou *Siará* em que me apoiei não era a mais seguida nem a mais antiga. Não o contesto.

Mas, sendo como é breve o *e* de *Ceará*, as duas graphias *Ceará* e *Ciará* bem cedo se confundiram e se equivaleram. A minha hypothese permanece, portanto, de pé.

A objecção mais seria que até aqui se tem opposto á versão por mim dada ao nome *Ceará* ou *Ciará* é a de não ter sido assignalada por nenhum viajante ou naturalista a casta de papagaios a que me referi. A verdade é que Montoya, no seu «Diccionario da Lingua Tupi», nos dá *cii* como nome de papagaio. Em algumas partes do Brasil se denomina *cihiba* ou *tihiba* uma variedade desse passaro.

O Dr. Ihering, illustre director do Museu Paulista objecta pelas columnas do *Correio Paulistano* que a casta de papagaios a que se deu o nome *Cii* não se encontra

no norte do Brasil. O facto é, porém, que nos sertões do norte se encontra a mesma ave a que em outras partes se denomina *cihiba* ou *tihiba*.

Os nomes de animaes e plantas, não raro, por causa da synonimia se confundem e cáem em desuso. Umas vezes desapparecem numa parte do paiz e se conservám noutra. A migração das aves dá logar á obliteração ou esquecimento do nome das especies. As varias castas de papagaios vão successivamente desapparecendo e entranhando-se nos sertões. Nos primeiros tempos essas aves eram tão numerosas na zona littoral que o commercio que dellas se chegou a fazer influiu para que o paiz, por algum tempo, se denominasse *Terra dos papagaios*. No Ceará era tanta a quantidade dessas aves, damninhas ás culturas, que as camaras municipaes offereciam premio ou impunham como obrigação o extinguil-as.

Hoje, só nos sertões se encontram as especies mais distinctas e as communs vão ficando cada vez mais raras na zona povoada. O nome *Ceará* ou *Ciará* não será o mesmo *cii* do sul e das regiões centraes; não designaria por ventura uma especie que se internou? E, tendo mudado de região, não teria tambem mudado de nome, ou não se teria esse nome alterado?

E' esta a hypothese mais provavel.

S. Paulo, 5 de Fevereiro de 1902.

(D'*O Estado de S. Paulo*, n.° 8502).